



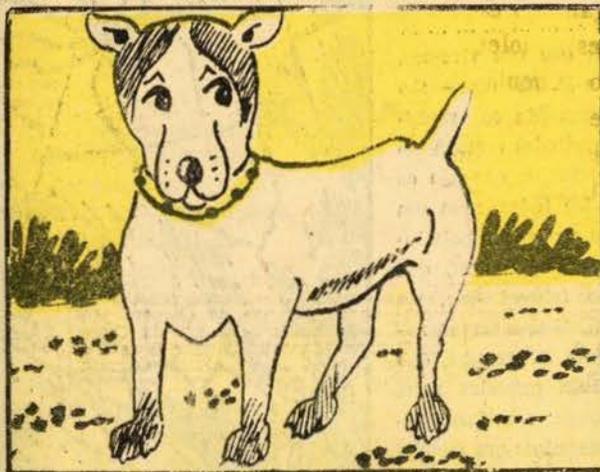
DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

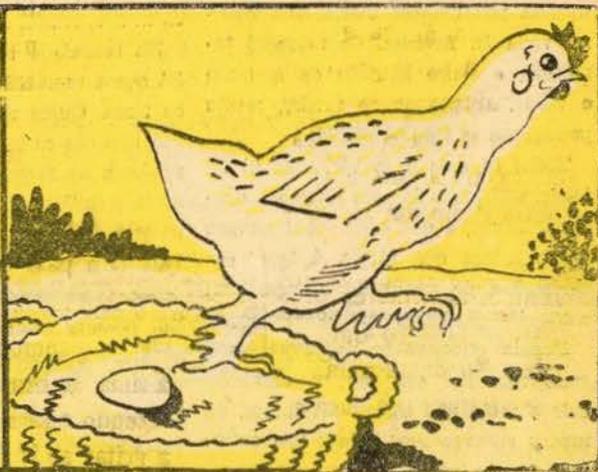
**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

## A SURPRÊSA do PILOTO



Piloto, um cão inda novo,  
pela-se por um bom bife,  
e, então, quando vê um ôvo,  
lambe-se todo, o patife!



Sempre que uma poedeira  
no cestinho um ôvo punha,  
com argúcia surrateira,  
o cão deitava-lhe a unha.



Vendo uma galinha choca,  
sôbre os ovos na cestinha,  
o Piloto pôs-se à coca  
que se ausentasse a galinha.



Com efeito, aproveitando  
da galinha curta ausência,  
Piloto, um ôvo levando,  
afastou-se com prudência.



Vai senão quando estremece...  
Pois, já disposto a comê-lo,  
em vez de ovo, lhe aparece  
um pintainho amarelo!

# ARANHAS, ARANHIÇOS E FORMIGAS

■ POR T O U T I N E G R A ■

■ DESENHOS DE A. C A S T A Ñ É ■

Présa ao centro duma grande e simétrica teia, existente no meu jardim, situada nos troncos duma bela roseira, vivia D. Aranha, de razoável tamanho, o corpo listrado de amarelo e verde, as pernas só verdes, muito penugenta e bem gordinha.

Todos os dias a ia vêr, mas só de longe, assistindo ás suas refeições, quasi continuas, e que constavam sempre duma môsca que atraía á teia envolvendo-a na sua baba branca, qual *croquette* envolvido em pão ralado.

Depois chupava-a, chupava-a, até mais não lhe apetecer, e deixando cair o resto que outros aranhiscos, de menos envergadura, presos nas extremidades da teia, apanhavam e chupavam por sua vez, até mais não poderiam, deixando cair os restos, que ainda eram aproveitados pelas formigas, as

quais festivamente os levavam para os seus bem providos celeiros.

Na sociedade em que nós vivemos, há quem represente D. Aranha: — são os ricos. Quem represente os aranhiscos, que são os remediados e quem represente as formiguinhas, que são os mais pobrezinhos. De todos, nem um só vive feliz com a sua sorte, pois inveja sempre os seus superiores, que julga inteiramente felizes! Ora, na teia do meu jardim, dá-se o mesmo: — os aranhiscos invejam D. Aranha, que come os petiscos em primeira mão, suculentos e apetitosos; e as formiguinhas invejam os aranhiscos que comem mais e melhor, não vendo nenhum deles a diferença dos perigos e dos trabalhos a que os seus superiores se sujeitam.

Numa tarde, quasi á hora divinamente bela do crepúsculo, estava eu á janela que dá para o meu jardim, vendo um passarinho que saltava ligeiro por entre as flores, e que se aproximava da roseira que sustentava a teia, quando — ó ceus! — num abrir e fechar de olhos, vejo D. Aranha passar para o papo do passarito, bem como alguns aranhiscos mais em evidência. Então, o pássaro voou, cantando, radiante com o esplêndido almôço que tivera.

E, agora, tu que me lêste, medita bem nisto:

Se és rico e grande, tal como a D. Aranha, não te envaideças; lembra-te que são maiores do que as dos outros as tuas responsabilidades e os perigos a que estás exposto. Se és po-



bre, como as formiguinhas, não invejes os ricos que não têm o teu sossego, a tua despreocupação e se és remediado, como os Aranhiscos, respeita os ricos e estima os pobres para que, se um dia passares para a categoria duns ou doutros, te façam o mesmo a ti e, acima de tudo, nunca sejas invejoso.

A inveja só serve para torturar e tornar mais amarga a vida do invejoso.

■ F I M ■

# A CARTA DA MAMÃ

Por GRACIETTE BRANCO

— «A DORADA Filhinha:  
Que saudades eu tenho, meu amor,  
de ver passar, além no corredor,  
a tua embonecada figurinha!...  
Fazes-me tanta falta! Que alegria  
sentir-te junto a mim,  
ou ouvir-te correr pelo jardim,  
minha linda Maria!

Terás pensado em mim?  
Tens, com certeza!  
Quando me sento à mesa  
e te não vejo,  
que saudades eu tenho do teu beijo,  
dado após o jantar!...

O Pai, quando me vê, a meditar,  
diz: — «Estás a pensar  
na nossa pequerrucha...  
Deve estar bem gorducha  
e bem crescida...»  
Cala-se, de repente,  
e fica, no ambiente,  
uma pausa secreta e comovida. . .

Porém, é necessário ter juízo!  
Graças a Deus, estás bem  
e isso é que é preciso!

O colégio agrada-te, Maria?  
Tens sabido a lição? Tens sido boa?  
Daqui, tão longe, amor, desta Lisboa,  
guio-te, em pensamento, todo o dia!

Tens estudado música? Bordado?  
Que pena ter-se longe quem se ama!  
E dize-me, meu Bem: a tua cama  
tem um colchão fofinho e aceado?

Os lençóis são de linho, como aqui?  
... Não durmas nunca sôbre o coração!  
Podes ter pesadelos e então  
a tua rica Mãi não está aí!

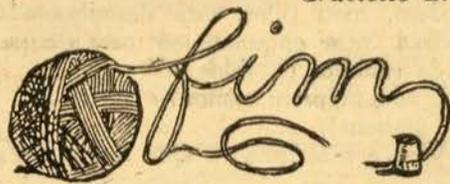
Quando fores brincar, vê lá o Sol!  
E quando estiver frio, meu amor,  
vê lá! nunca te esqueças de compor,  
sôbre o lindo peitinho o *cache-col*!

E estuda, estuda muito, com cuidado!  
Pensa muito no Pai, na Mãi, no Avô!  
Ando a fazer-te um fato de *tricot*,  
que vai ficar quentinho e engraçado!

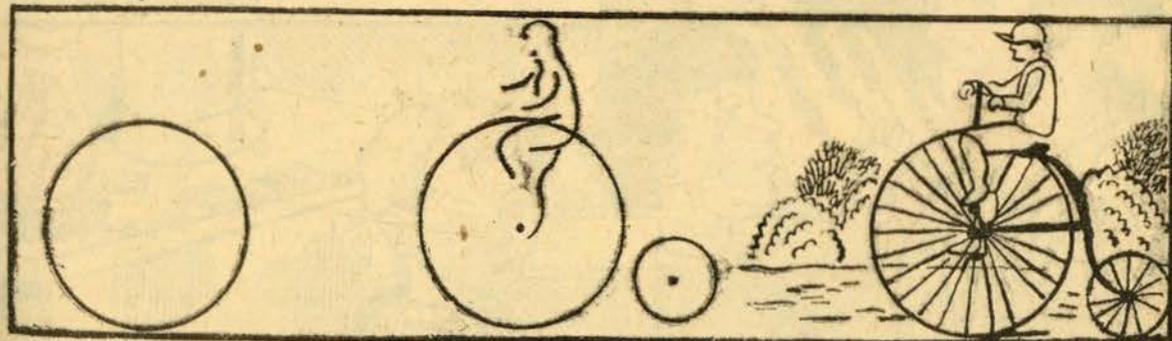
Muitos beijos do Avô e do Paizinho!  
(Vê lá, Maria, escreve já também!)  
Adeus, minha adorada, meu carinho:  
Um abraço sem fim da

tua Mãi.

Graciette Branco».



## LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um menino numa bicicleta antiga

# O JORGE NÃO VOLTA A SER GULOSO

■ Por LEONOR de CAMPOS ■

**Ai** que bom!... Ai que bom, Mãzinha!... — gritava o Jorge, entusiasmado. — A Avózinha deu um ananaz!... Gosto tanto, tanto como daqui até ao céu!...

— «Bom, bom! Não vale a pena tanto entusiasmo — respondeu a mãe, entre severa e risonha. — E' muito feio ser guloso!»

— «Pois é! — concordou, do lado o Antoninho, irmão mais novo do Jorge. — Eu cá não sou nada guloso. Também gosto muito de ananaz, mas não ando assim a gritar e a saltar por causa dele!...»

A mãe afagou a cabecita do pequeno e disse:

— «E' que tu és mais bonito, tens mais juízo!...»

— «Não é mãzinha, não é! — gritou o Jorge, indignado. — Já agora vou dizer tudo. Ele inda é pior do que eu!... Sabe porque foi que a Avózinha mandou o ananaz? Porque o Antoninho o viu lá em casa dela e lho pediu!...»

De sobrãozinho franzido, a mãe olhou para o mais pequeno:

— «Oh Antoninho!... Que vergonha!... Guloso - pedinchão!...»

O Antoninho ficou envergonhadíssimo. Vermelho e confuso, correu para a mãe, lançou-lhe os bracitos ao pescoço e, beijando-a como um doidinho, prometeu:

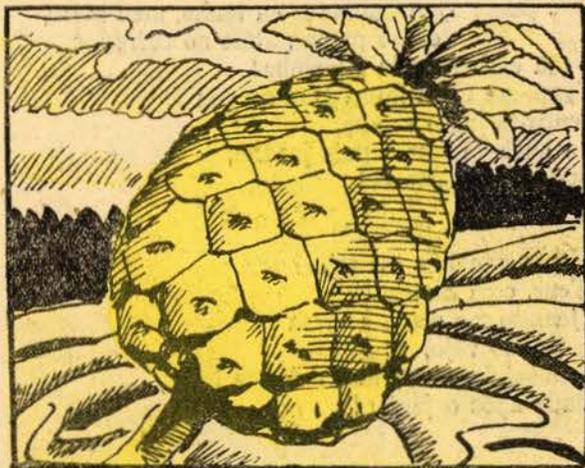
— «Não torno mais, mãzinha!... Não torno mais!... Desculpa, minha toda mãzinha!...»

— «Bem, meu filho, está desculpado!... E agora vão brincar enquanto eu me visto para ir a casa da senhora D. Alda!...»

— «E nós, também vamos?»

— «Também!...»

— «Viva a mãzinha!... Que bom!... Vamos



brincar tanto, tanto, com a Meni e o José Manuel!...»

E os dois pequenos, contentíssimos, foram também arranjar-se para sair.

A mãe vestiu-se rapidamente e daí a pouco saíram os três, a caminho de casa da senhora D. Alda.

Os rapazes tiveram uma tarde feliz. De sociedade com o Meni e o José Manuel divertiram-se o mais possível.

A' hora da merenda D. Alda ordenou á criada que desse a cada um dos meninos um prato cheio de doce de maçã e uma fatia de pão.

A criada afastou-se, seguida pela pequenada. Mas pouco depois aparecia na sala a perguntar:

— «Oh minha senhora!... Eu já dei a cada um dos meninos dois pratos bem cheios de doce. Mas o menino Jorge ainda quer mais. Posso dar-lhe?»

— «Não, não!... — exclamou a mãe d'ele, aterrada. — De maneira alguma!... Mesmo dois, já foi demais!...»

(Continua na página 8)



# UM FANFARRÃO E UM VALENTE

por ANÃO SABICHÃO

**J**Á várias vezes me tinham chegado aos ouvidos fanfarronices do Pedrinho e já u andava matutando a forma de pôr a direito um rapazinho tão esperto, com tão bom coração e que só era antipático a tôda a gente, por aquela mania de ser um gabarola insuportável!

Mas, desta vez, não foram as manhas que costume empregar que emendaram tão detestável defeito.

Não é bonito encher-me de louros que não mereço!

Eu lhes conto como o caso sucedeu!

Constou-me logo, quando o Pedrinho regressou da quinta onde passára o verão, que êle não era o mesmo!

Vinha até muito diferente!...

Com uma aparência modesta, sem as mãos sempre enterradas nos bolsos como usava antigamente, o que lhe dava um ar de arrogante impertinência.

Assim que me viu, o Pedrinho, muito amável, veio ao meu encontro e disse-me:

— Trago uma história bem interessante que te peço me deixes contar aos leitoresinhos do *Pim-Pam-Pum*.

Acudi, logo:

— Já sei, é a tua!

— Adivinhaste, amigo Anão!

Quero contá-la para meu castigo! Confessando em público os meus erros e o que devo a quem me curou deles, fico satisfeito comigo e parece-me que completamente regenerado! —

— Falas como um livro, Pedrinho! Ora vamos lá, então, ouvir a tua história. Espero-a com tanta impaciência, como os meninos que agora estão lendo o *Pim-Pam-Pum*.

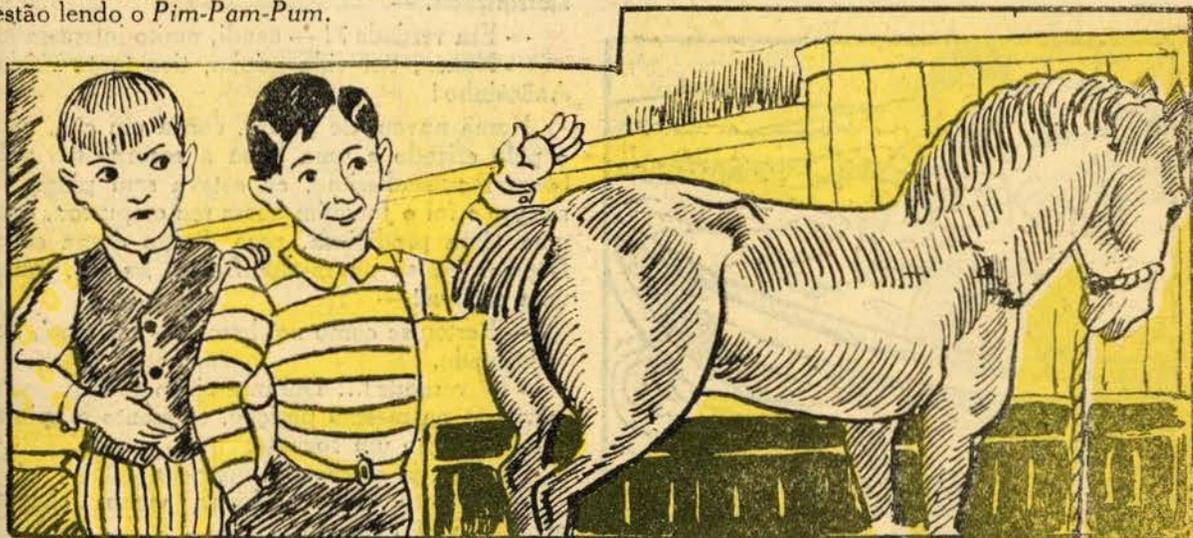


— Quando cheguei á quinta, fui logo visitar a minha ama, a tia Ambrósia que vive lá na aldeia. Tinha vontade de a vêr e ao Joaquim que é o meu irmão colaço. Encontrei-o num campo a tomar conta do Rabiço, o cavalo da carroça, que pastava. Comecei logo aqui a mostrar o meu estúpido desembaraço... —

— Estúpido não, chama-lhe antes leviano. — interrompi eu.

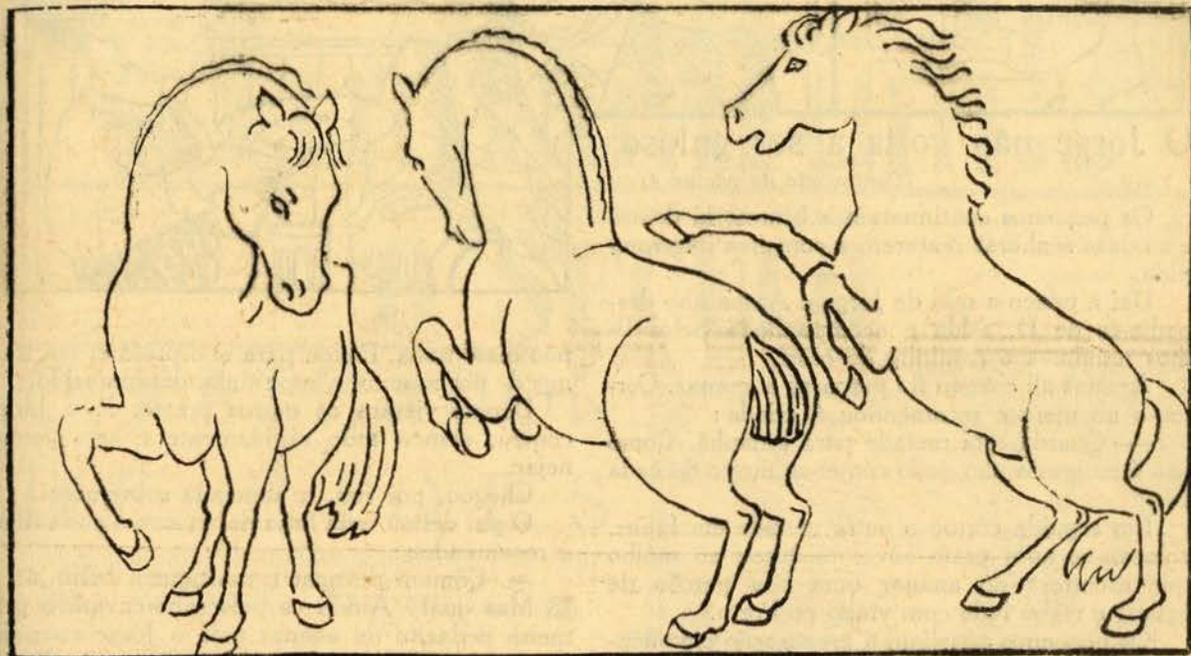
— Vais vêr, Anãosinho! Por mais que o Joaquim me avisasse que não me puzesse atrás do Rabiço porque êle podia ferrar-me um coice, eu teimava para êle saber até que ponto eu era despedido! Chamei-lhe maricas, fartei-me de vexar o pobre rapaz!...

Então, êle, muito prudente, resolveu recolher o animal para que não houvesse qualquer desastre. —





# CONCURSO de DESENHO



Os concorrentes deverão decalcar ou copiar, o mais fielmente possível, um dos três cavalos, ou os três em papéis diferente, a-fim de, sobre cada um deles, desenharem o respectivo cavaleiro, ou amazona, à vontade do concorrente, com significado histórico ou simplesmente desportista.

O desenho poderá ser feito com idêntica simplicidade ao do cavalo ou sombreado, se a tanto chegar a habilidade do concorrente, podendo ser feito, também, o desenho dos arreios.

As provas enviadas, que obtiverem classificação, serão publicadas, sendo o prêmio; — um lindo livro de contos infantis, ilustrado, atribuído àquêle que apresentar mais lógica e melhor solução.

Não se admitirão desenhos que não sejam feitos a tinta preta sobre papel branco, nem coloridos.

Os desenhos deverão ser enviados à redacção do nosso suplemento.

mer! Foi horroroso! — (balbuciava eu, mais morto que vivo). —

Então, o Joaquim impôs-se.

—E' preciso correr!—disse-me, cheio de autoridade. — Depressa, menino! —

E arrastou-me por ali fóra.

Assim que cheguei a casa da ama, desmaiei.

Já não podia mais! —

—Pobre Pedrinho! — exclamei, ao vê-lo ainda tão pálido, só com a lembrança da cena aflitiva.

— Quando voltei a mim, estava deitado e tinha a meu lado meus pais.

Desatei a chorar, e, ainda muito fraco, expliquei, entre lágrimas: — Foi o Joaquim quem me salvou. Estava eu sempre a chamar-lhe covarde! O paisinho abraçou o meu companheiro e disse-me: — Tenho a certeza que nunca mais esque-

cerás, Pedrinho, a lição que êste bravo te deu! —

— Agora ficaste percebendo, para sempre, a diferença que há entre um fanfarrão e um valente! — disse eu ao Pedrinho.

— Se percebi, Anãosinho! E aí está, também, porque eu tinha empenho de contar aqui esta história verdadeira, para que os meninos que são como eu era, uns gabarolas, não trocem dos prudentes que lhes dão bons conselhos. —

— Com certeza todos os leitrosinhos do Pim-Pam-Pum gostaram imenso da tua história. E, como tu tão bem dizes, a quantos ela não aproveitará? —

Foi assim que me despedi do simpático Pedrinho, a quem um valente e modesto rapazinho da aldeia, corrigira dum defeito que parecia incorável. —



## O Jorge não volta a ser guloso

(Continuado da página 4)

Os pequenos continuaram a brincar lá dentro e as duas senhoras reataram a conversa interrompida.

Daí a pouco a mãe de Jorge e Antoninho despedia-se de D. Alda e acompanhada pelos filhos retomava o caminho de casa.

Apenas ali chegou foi preparar o ananaz. Cortou-o ao meio e recomendou á criada:

— «Guarda esta metade para amanhã. Como isto é indigesto não pode comer-se muito de cada vez.»

Em seguida cortou a outra metade em fatias, colocou-as num prato côvo, misturou ao mólho que escorrera do ananaz uma boa porção de açúcar e regou tudo com vinho do Porto.

Os pequenos assistiam á preparação em silêncio. Mas, a certa altura, o Jorge não pôde mais e exclamou:

— «Ai mãzinha!... Até já sinto crescer água na bôca!...»

A mãe olhou-o repreensiva e não respondeu.



Durante o jantar, o Jorge não tirava os olhos do aparador. O pai, que não sabia ainda da existência do ananaz, estranhou:

— «Que tens tu que ver no aparador, Jorge?»

— «É uma coisa muito boa, Paizinho. Uma coisa de que eu gosto muito... uma rica sobremesa!...»

E empurrava o prato da sopa, com certo ar de desprezo.

— «Pois meu caro menino! — sentenciou o pai. — Quem não comer a sopa e o resto, não come sobremesa!...»

O petiz fez um trejeito de mau humor, mas

não disse nada. Puxou para si o prato e, em menos d'um minuto, a sopa tinha desaparecido.

Depois vieram os outros pratos. E o Jorge comeu, comeu tudo rapidamente e sem pestanejar.

Chegou, por fim, a almejada sobremesa.

O pai deitou uma fatia de ananaz a cada filho e recomendou:

— «Cômam devagar e mastiguem bem...»

Mas qual? Ainda os pais saboreavam o primeiro pedacito de ananaz e já o Jorge estendia para o pai o seu pratinho de sobremesa, limpo como ao sair do armário:

— «Dá-me mais uma fatia, Paizinho?»

O pai admirou-se:

— «Então tu já comeste a outra?»

— «Já. Era tão fininha e tão pequena!...»

— «Mas olha que isto pode fazer-te mal!...»

— «Não faz, Paizinho, não faz!... Só uma fatia pequenina, sim?»

O pai fez-lhe a vontade.

Mas...

...nessa noite o Jorge não dormiu. Mal disposto, enjoado, febril, não pôde sossegar. Até que, de madrugada, vomitou o jantar e conseguiu, então, descansar um pouco.

No dia seguinte estava cheio de febre. E durante oito dias o Jorge, que gosta tanto de saltar, de brincar, de se mexer, ficou deitado na sua caminha, doente e aborrecido, por ter sido glutão.

Escusado será dizer que êle promete solenemente não voltar a ser guloso.

Dois dias depois de ter adoecido, dizia êle á mãe:

— «Nunca mais, querida Mãzinha!... Não torno a ser guloso!... Olhe, quere saber? Ainda ontem, quando comeram o resto do ananaz, não tive inveja nenhuma. Nem me apeteceu!... Nunca mais na minha vida gostei de ananaz!... Pudéra!... Estive tão aflito e ainda me dói tanto a cabeça!... Não torno, juro!...»

— «Assim seja, meu amor!...» — rematou a mãe, beijando as facesitas vermelhas e os olhos amarelados do pequenino doente.